

Germinal



N.º 2 — ANO I
10 de Janeiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se nos dias 1, 10 e 20 de cada mês

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: serie de 12 numeros, 12 cts. (120 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca 51, 3.º — LISBOA

A bomba-panacêa

A explosão da rua do Borja que ha dias deu a morte a um homem e feriu gravemente outro, veio aumentar a já longa lista das tragedias a que tem dado lugar a propaganda e a organização revolucionaria pela bomba. O desastre foi mais um produto do ensinamento revolucionario, dado pelos agitadores republicanos, pois foram eles que, com a ditadura franquista, generalizaram, senão introduziram, o uso da bomba explosiva como arma de combate contra a tirania governamental.

Se havia país onde se não empregasse esta arma, era Portugal. Todos que, nos ultimos dez ou quinze anos, se tem interessado pelas questões politicas e sociais, que estavam a par do que ia pelos outros países, sabem que isto é verdade.

Embora aos olhos de muita gente, a bomba explosiva ande ligada á palavra anarquista, quer por ignorancia quer por velhacaria, o que é certo é que ela não constitue, sobretudo em Portugal, um elemento de tradição revolucionaria dos anarquistas. Largos anos de propaganda contava o anarquismo em Portugal, quando o uso da bomba explosiva se generalizou neste país, tendo atravessado periodos de agitação e de perseguições.

Se a bomba se tornou em Portugal como que uma instituição revolucionaria, é uma instituição republicana, burguesa e não anarquista; á organização revolucionaria republicana cabe, pois, a respectiva responsabilidade.

Mas a explosão de ha dias veio-nos indicar mais alguma coisa.

Em primeiro lugar, diz-nos que continua sem solução o problema da liberdade politica, ainda que os senhores que governam afirmem, natu-

ralmente, o contrario, e que a administração publica continua sendo de tal especie, que se mantem nos espiritos uma agitação enorme, reflexo da agitação da politica partidaria que tudo absorve, impedindo que a vida colectiva se normalize nos seus varios aspectos.

Em segundo lugar, mostra-nos que é tempo de cada um de nós tratar de demonstrar a inefficacia de semelhante processo de combate, que nenhuns resultados uteis tem dado. Não somos dos que candidamente supõem que tudo se resolve sem violencia. Sabemos que as conquistas da liberdade e outras regalias só se podem fazer, a valer, revolucionariamente. Mas por isso mesmo, é que nos doe que se malbaratem energias, tempo e dinheiro em tentativas, cujos resultados, como se tem visto, se voltam, em regra, contra os seus autores.

Pois não haverá mais nada a fazer de util, quer em defesa da Ideia, quer em defesa da Republica — um motivo muito invocado — do que fabricar bombas?

Pretende o Germinal viver dos seus proprios recursos e para isso ha de empregar os melhores esforços; mas, enquanto não o consegue, necessario é que os amigos e camaradas não lhe faltem com o seu auxilio moral e material.

As comadres

Para afervorar a fé republicana dos cidadãos, nestes tempos sombrios de guerra e outros flagelos, a edição nocturna da *Lucta* vem apontando historias, que prometem ser lindas, — os *camions*, o bacalhau para Loanda, os fornecimentos para o exercito sem concurso, os 1.500 contos de titulos das congregações, etc. Aponta e a mais não passa. Por isso mesmo os nossos votos não cessam: que jámais se acomodem as comadres!

Os anarquistas e a guerra europêa

A precipitação de julgamento e a mentalidade religiosa, aquella, em parte efeito desta, a que me referi no artigo anterior, provêm principalmente, ou de pouca preparação scientifica ou de se viver demasiadamente fóra do mundo exterior á ideia e a tudo que com ella se liga directamente.

A falta de preparação scientifica produz a tendencia para as noções absolutas, para a concepção simplista dos fenomenos sociaes, com todos os seus erros inevitaveis. O viver alheado, produz a ideia falsa ou tendencia para ella, de que o que dizemos e fazemos, nós e os nossos amigos, tem uma importancia muito maior, nos seus efeitos, do que realmente possui.

Habituamo-nos, sem darmos por isso, a não nos interessarmos por aquillo que directamente não interessa á ideia que defendemos e a julgarmos que mais ninguem tambem por essas coisas se interessa; e reciprocamente, que ha muito interesse, por parte dos outros, por aquillo que nos prende e nos apaixonam. Cria-se assim uma ilusão, que conduz facilmente a erros grandes, quando repentinamente nos encontramos em face da realidade: erros de apreciação e de acção. E' por isso que, os que assim vivem, são quasi sempre pouco adaptaveis, sofrendo com a necessidade de alguma coisa fazerem fora do seu meio habitual e fazendo-o portanto contrafeitos, com pouca persistencia e, naturalmente, com pouco exito.

Quer isto dizer que os homens que assim procedem, procedem mal ou são inuteis? De modo nenhum.

Pelo contrario: Estes temperamentos são necessarios, porque é, em geral, nelles que mais pura se encontra a ideia,

no que respeita aos principios que as formulam, constituindo elementos da reacção contra os exageros a que pode levar a facilidade de adaptação de outros.

Isto quer dizer que não devemos pôr de parte nenhuma forma de servir a ideia, que todas podem ser muito uteis, conforme os servidores e as ocasiões, mas que por isso mesmo tambem nenhum de nós deve, *sem dados suficientes*, censurar e anatematizar os outros, que não pensam e não procedem como nós.

O que ahi fica mal e ligeiramente esboçado, aplica-se a toda a gente, como fenomeno de psicologia geral, a que os anarquistas não podiam fugir, pois são feitos da mesma massa que o resto dos mortaes e tendo com elles muitos mais pontos de contacto de que se poderá julgar. Creio que este é um preconceito muito generalizado entre os anarquistas: o de que elles se diferenciam enormemente dos outros individuos, preconceito perigoso e que deve ser combatido. Confunde-se o que se deseja ou o que se devia ser (sendo possivel) com o que se é, com o que se pode ser. Ha muitas ilusões a este respeito, que não é para agora procurar analisar e desfazer.

Depois de publicado o anterior artigo, em que me referi á carta de Malatesta na *Freedon*, li o artigo deste camarada publicado em *Tierra y Libertad* ultimo numero, (30 de dezembro) intitulado: *Anarquistas que olvidam sus principios*.

Por lhe ter visto referencias, tinha grande curiosidade em o ler, tanto mais que o artigo é a exposição das ideias de Malatesta sobre a atitude dos anarquistas perante a guerra. Parece, e assim deve ser, atendendo á pessoa do autor, que

este artigo é uma das melhores exposições que se tem feito, em contrario da attitude defendida por Kropotkine, Malato e outros. Por isso mesmo, merece a pena ser analisado para que a opinião de cada um se torne cada vez mais consciente e se vá, pouco a pouco, desbravando terreno para a estrada que conduz á verdade, estrada longa e difficil, em que *todos* temos que trabalhar. Depois desta feita, quem poderá dizer qual é a pedra ou a pá de areia com que contribuiu para a sua construção? Obra commum, mais que nenhuma, nella ficarão confundidos erros e acertos de *todos*, da combinação dos quais sahirá alguma coisa que contém tudo que fizemos, mas que será diferente daquillo que cada um de nós pensou.

Pois se sabemos que assim é, porque assim nos é ensinado pelo estudo da evolução e da psicologia social, para quê tanta acrimonia, tanta divisão? Porque não havemos todos de fazer acto de contrição, confessar que se tem cahido em exageros lamentaveis, que este estado de coisas só virá a aproveitar ao adversario comum, e mudarmos de sistema de critica, quebrando arestas, procurando, acima de tudo, a verdade, mesmo contra nós proprios, contra as nossas opiniões anteriores, corrigindo pouco a pouco o mal que se tem feito?

Neste momento lembro-me do que escrevi no artigo anterior, a este respeito, em que me mostrava sceptico sobre o entendimento a fazer. Deixei-me levar pelo que mais desejava que succedesse e reinci de em falar de harmonia, de boa camaraderagem, de tolerancia reciproca...

Mas acabou-se; o leitor perdoará a reincidencia e desculpará o tempo que lhe tomei com as minhas caturrices, aguardando já agora, para o proximo artigo, a análise do citado artigo de Malatesta. O *Germinal* é pequeno e ha mais coisas a dizer.

(Continua).

Emilio Costa.

Corrigindo

No n.º 1, alem dos erros de caixa inevitaveis, pela confusão ortográfica a que a ultima reforma não conseguiu subtrair-nos, tres houve que é necessario rectificar. São: no artigo — *Os anarquistas e a guerra europeia*, "o tempo, o dinheiro e a inteligencia de que impõem" por "o tempo, o dinheiro e a inteligencia de que dispõem"; — no artigo — *Augusto Blanqui*, "Foi um dos primeiros que... ousavam matar a tradição de Babeuf" por "Foi um dos primeiros que... ousaram reatar a tradição de Babeuf;" e no artigo — *Mancha da "Kultur"*, "nós exclamamos por vez" por "nós exclamamos por nossa vez."

Os bons catolicos

Ha dias que os jornais se ocupam da prisão do arcebispo de Malines, que é o cardeal Mercier. Tem feito imenso barulho esta prisão, levantando clamorosos protestos, segundo se diz, em todos os meios catolicos da Europa, mesmo na Allemanha, onde o facto tem sido considerado, pelos catolicos, como um grave erro cometido pela politica allemã. Em novos telegramas dos grandes orgãos, lê-se o seguinte:

Roma, 7 (atrazado). — Nos centros do Vaticano, corre o boato de que o Papa chamará o cardeal Mercier a Roma para lhe confiar um alto cargo em qualquer congregação. A confirmar-se este facto difficilmente o imperador Guilherme II se oporá a ele, sem romper as relações com o Vaticano.

*
Amsterdam, 8. — Um telegrama de Bruxellas, via Berlim, desmente formalmente que o cardinal Mercier tenha sido preso e que o mesmo tenha succedido aos ecclesiasticos que leram a carta pastoral d'aquelle prelado.

Como se está vendo, o caso assume proporções grandiosas de grave conflicto diplomatico que pode custar amargos de boca ao Kaiser e seus acolitos.

Mas porque todo este barulho e toda esta indignação dos catolicos? Foi torturado o cardeal? Não; se sofreu a prisão, foi esta, certamente o mais doce possivel. Mas é que se trata de um cardeal e arcebispo!

Teem morrido ás centenas e sido maltratados e torturados, padres belgas e francezes. Pois essas centenas de casos de morte e tortura não valeram, para os bons catolicos, a começar no piedoso papa, o que valeu uma simples detenção do arcebispo.

A igualdade e a humildade cristãs, ahi estão a manifestar-se em toda a sua plenitude, constituindo este caso, o mais tipico ezemplo do que valem os catolicos, se estes patuscos ha muito tempo se não tivessem dado a conhecer como os mais completos tartufos do universo. Mas é bom ir mostrando estas coisas, para não se amortecer no combate que é preciso dar-lhes sem treguas.

A carestia da vida

Uma comissão, representante da União Operaria Nacional e das Associações Operarias do Porto, acaba de traser a publico uma circular, convidando as colectividades do proletariado a encetarem, coordenado com o dela, um movimento de protesto e reclamação para se conseguir o barateamento do custo da vida. Para já, a comissão lembra a distribuição de manifestos, com sessões de protesto nas sédes das colectividades e com comicios publicos efectuados nos lugares mais populosos, a fim de interessar no movimento o maior numero de operarios.

Toda a correspondencia sobre o assunto deve ser enviada para a travessa de Liceiras, 133. — Porto.

Primeiras letras

ECONOMIA SOCIAL

A palavra *economia*, que, na linguagem corrente, equivale a parcimonia, — economico se diz de todo o forreta — é composta das duas palavras gregas *nomos* e *aícos*, lei e casa, e significa leis da casa. A palavra *politica* deriva-se da palavra, grega tambem, *polis*, cidade.

De sorte que, aproximando estes tres membros esparsos, e tendo em atenção a sua origem, a economia politica seria a sciencia das *leis da casa politica* e compreenderia tudo que se relaciona com a arte de governar, com a politica.

Mas ha muito que o fim desta sciencia não está em harmonia com a etimologia do seu nome.

Pondo de banda a diversidade de definições em que nos emaranham os tratadistas, e as quais vão desde "sciencia que se ocupa da formação, distribuição e consumo das riquezas", na frase de Say, até "fisiologia da sociedade", na expressão de Oliveira Marreca e de Kropotkine, podemos dizer, com J. Garnier, que a *economia social* ou *sciencia social* considera as leis que presidem ao desenvolvimento das sociedades humanas, e investiga quais são os meios de tornar essas sociedades felizes e poderosas. E compreende, entre outras sciencias morais e politicas, como dantes se usava dizer, a *economia politica* ou simplesmente a *economia*, isto é a sciencia da riqueza, que tem por fim determinar como a riqueza é e deve ser produzida, repartida e consumida no interesse de toda a sociedade.

Entende-se pela expressão *riqueza*, *riquezas* ou *bens* tudo o que serve para satisfazer as nossas necessidades, os nossos prazeres materiais ou morais. As riquezas são de duas especies: *naturais* e *artificiais* ou *sociais*. As riquezas naturais são dadas *gratuitamente* e com profusão pela natureza: o ar, a luz, a agua, a força expansiva do vapor, etc. As riquezas artificiais ou sociais são o fructo de um concurso de meios *não gratuitos* e não se obtêm senão com trabalhos, economias, e sacrificios. Exemplo: os alimentos, os vestidos, as casas, etc.

E' bem de ver que estes dizeres singelos não significam que ha uma economia politica definitiva. Assim como as definições, varia a doutrina de autor para autor ou de grupo para grupo, consoante os respectivos interesses ou paixões.

Em toda a sciencia, escreve Bronilhet, seguindo De Lounay, haverá sempre tres maneiras de ver os fenomenos: uns vê-los-hão tais quais eles são; outros tais quais eles evoluem; e outros através das trans-

formações subitas por que eles passam. Em sociologia os primeiros serão conservadores, os segundos evolucionistas, e os ultimos catastrofistas. Nesta divisão tri-partida do pensamento economico, teem lugar, hoje em dia, a Escola Liberal, defensora dos interesses ou das posições mais ou menos fortes do capitalismo, a Escola da intervenção e da solidarieidade, que inspira em diversos países os politicos radicais e a escola socialista.

Abc.

Novos impostos

Parece que é para acudir aos gastos — 40 a 50:000 contos — com a participação de Portugal na guerra europeia, que o governo se dispõe ao agravamento tributario. Ao que se diz, entre os novos impostos figuram taxas de exportação e adicionais ás contribuições sumptuaria, de registo, predial e industrial. Quere dizer: — Os governantes republicanos deixam a forma hipocrita do aumento surdo de contribuições em que teem vindo a espantear-se, para se lançarem abertamente no caminho da exigencia de mais tributos. Pois se já não iam mal, assim irão melhor.

Partido socialista

Passa hoje mais um aniversario do partido politico dos operarios portugueses. Sempre roido por lutas intestinas, constantemente menospresando o proprio decoro, de continuo a queixar-se de não o deixarem medrar os adversarios, a sua vida, que podia ser, em certo modo, ulil á emancipação operária, tem decorrido sem grande prestimo para os trabalhadores. Ha, na sua camada nova, elementos capazes de lhe darem força? Muito estimaremos vir a reconhecê-lo.

Sem trabalho

Andaram agora ahi outra vez em bolandas os operarios sem trabalho. Coisa pouca afinal de contas, pois que tudo parece ter serenado só com a mudança de uma repartição, a leitura de dois ou tres projectos legiferos, e a confecção de novos modelos das guias. Antes assim. Mas o diabo é a crise operaria ir em aumento...

Acidentes de trabalho

Em reunião dos delegados das associações operarias, foi no dia 5 apreciada a lei dos accidentes de trabalho e nomeada uma comissão de 11 membros para propor algumas emendas ao mesmo diploma, a qual se divide em tres sub-comissões: central, propaganda e de emendas. A comissão resolveu prevenir todas as colectividades de que toda a correspondencia lhe deve ser dirigida para o largo do Poço Novo, 27, 2.º

CANCIONEIRO

A GRANDE MESTRA

A luz do Astro-rei, das brumas do Levante,
Começa de surgir, impávida, brilhante.
E a Terra — a fértil Mãe — a Terra Criadora,
Nos braços de Morfeu dormita, sonhadora.
Mas pouco a pouco, o Sol, no extremo do horizonte,
Começa de nimbar o cimo dalgum monte.
E logo a Criação, repleta de alegria,
Despertando, saúda a clara luz do dia.
Primeiro o rouxinol com seu canto argentino;
Depois da cotovia o mavioso trino
E os aromas da flor, miríficos, suaves,
Mais os trilos gentis, canoros de mil aves,
Mais as palpitações do mádido elemento
E as carícias subtis do puro e casto vento...

.....
Desde o cravo gentil até a linda rosa;
Da açucena modesta, alegre, vaporosa,
Ao casto amor-perfeito e à rósea margarida;
Do pálido jasmim à sempre-noiva qu'rida...
Do pesado elefante ao jocoso pardal...
Do sereno regato à fúria do caudal...
Tudo desperta a rir, à luz do novo dia,
Cantando hinos ao Sol, repletos de harmonia.
E a fértil Natureza, a todos a sorrir,
Nas galas matinais, eterno refflorir,
Nos ensina os clarões de paz e de bondade,
O Amor, a Vida, a Luz, a límpida Verdade.

Lx.º 251-VI-914.

João Mântua.

O comunismo e a instrução

Entre estas duas coisas, instrução e comunismo, o laço é tão estreito, que uma nada poderia fazer sem a outra, nem um passo á frente, nem um passo atrás. Teem constantemente marchado de companhia e a par na humanidade, e até o fim da sua viagem comum, nem uma linha se hão de distanciar.

Ignorancia e comunidade são incompatíveis. Generalidade da instrução sem comunismo e comunismo sem generalidade da instrução, constituem duas impossibilidades iguais. O homem da comunidade é aquele a quem se não engana nem domina. Ora, todo o ignorante é um parvo e um instrumento de parvoíce, um servo e um instrumento de servidão.

*
A comunidade avançará passo a passo, paralelamente á instrução, sua companheira e seu guia, nunca adiante, nunca atrás, sempre a par. E será completa no dia em que, graças á universalidade das luzes, nem um só homem possa ser ludibrio de outro. Nesse dia ninguém quererá sofrer a desigualdade de fortuna. Ora, só o comunismo satisfaz a esta condição. As pessoas instruidas não suportam hoje essa desigualdade, senão por uma questão de pundonor. Contra o roubo social, a consciencia interdiz, em nome da solidariedade, todas as represalias particulares. O ladrão não passa de um emulo do depredador capitalista.

Objectar-se-há talvez que a igualdade da educação não traz consigo a das intelligencias, e que permanecerá sempre a desigualdade dos cerebros para constituir uma hierarquia intellectual, desde o genio até á nulidade. De acordo. Mas no

cerebro mais pobre a instrução integral será uma armadura sufficiente, á prova do logro, seja qual for a sua mascara. A experiencia o prova.

*
O comunismo é a salvaguarda do individuo; o individualismo é a sua exterminação. Para um, todo o individuo é sagrado; o outro considera-o um simples verme da terra e imola-o por hecatombe á sangrenta trindade Loyola, Cesar e Shylock, dizendo em seguida com toda a fleugma: — «A comunidade seria o sacrificio do individuo».

Ela perturbaria o festim dos antropofagos, não ha dúvida. Mas os que lhe sofrem os encargos não acharão mau semelhante transtorno. E isso é o essencial. De mais, sob que pretexto levantar questões? Trata-se de impor o comunismo a priori? De maneira nenhuma. Limitamo-nos a predizer que elle será o resultado infalível da instrução univesalizada. Quem poderia condenar o desenvolvimento rapido das luzes? Se deve seguir-se-lhe o advento regular da comunidade, ninguém tem uma palavra a dizer.

Cada qual proclama a instrução, a unica resposta possível aos enigmas da esfinge social. Não é, porém, absolutamente certo que esta invocação seja sincera em todas as bocas. Dá-se com esta palavra o que se dá com todas as que põem um problema. Cada partido, cada definição. Para os padres, a instrução é o catecismo e nada de sciencia; para os socialistas é a sciencia e nada de catecismo.

(Critique Sociale)

Augusto Blanqui.

A PROPOSITO DA GUERRA

A falencia do socialismo — Sindicalistas alemães — A attitude de Liebknecht

Ha quem censure os socialistas, os revolucionarios, por não terem sabido morrer pela causa e terem querido morrer pela causa dos outros; ha quem censure o socialismo, todo o socialismo, de nada ou pouco haver feito para impedir a guerra, de haver falido, em suma. Charles Albert escreve a esse respeito:

Não é, penso eu, nos oito dias de conferencias diplomaticas que precederam o sinal de massacre, que se podia pensar em impedir o massacre. Não se detem a guerra europeia em oito dias, nem em oito mezes, nem em oito anos. E' mais longe que se devem procurar os nossos erros: é atrás, nos vinte ou trinta ultimos anos. E é bem certo que não se fez tudo o que se teria podido fazer. Nós não tinhamos o socialismo que era necessário ter (entendo por socialismo o conjunto das agrupações de defesa proletaria) para o impôr aos dominadores do mundo. Por culpa de quem? Desde a velha disco: dia de Bakunine e Marx, está o socialismo cortado em dois. Os latinos queriam um socialismo de audacia, de altivez, de vida ardente, de renovação moral, um socialismo de consciencia e de liberdade, numa palavra; e os germanos opuseram lhes com todas as suas forças o seu socialismo de doutrina pedante, de burocracia e de docilidade. Demais todos aqueles que em França entorpeciam, continham, imprimiam sensatez ao socialismo, tomavam na Alemanha o seu ponto de apoio e o seu estímulo. Por certo, para a paz da nossa consciencia, convinha ter passado alem, tentado tudo para levar o socialismo alemão a reconhecer os seus erros. E eu sou dos que pensam que o socialismo latino devia ter ido, por protesto, até á ruptura da Internacional. Todavia é duvidoso que se alcançasse bom exito. O socialismo alemão estava muito enfatuado da superioridade dos seus metodos; e o meio em que se movia era esplendidamente formado para o confirmar na sua acção.

Não ha o elemento revolucionario no movimento sindical alemão? E' uma pergunta que, na incerteza do que se passa, acode naturalmente ao espirito. C. Rupert responde nestes termos:

Decerto que ha. Mas pelo que sabemos, foi esmagado logo no começo da guerra. Na Provincia renana, na Westfalia e em Berlim muitos sindicalistas revolucionarios foram simplesmente presos. Em Berlim, *Einigkeit* e *Pionier*, os dois orgãos do movimento sindicalista revolucionario, representado pela União Livre dos Sindicatos, foram suprimidos; e depois d'isso Fritz Kaster continua a luta por meio de uma pequena «folha de correspondencia», de quatro paginas, *Mitteilungsblatt* da comissão executiva da *Freie Vereinigung*. Por via da Holanda termos obtido alguns numeros deste jornal. Nota-se neles que, vendo-se embora na impossibilidade de exprimir nitidamente as suas opiniões, os sindicalistas revolucionarios alemães as fazem entrever pela maneira clara com que repelem as ideias imperialistas e patrioteiras da social democracia e dos grandes sindicatos.

*
O *Combate*, orgão central do partido socialista português, no seu número de 27 de Dezembro

ultimo, inseriu, sem o mais ligeiro comentario, o texto completo da declaração ou protesto do deputado socialista alemão Karl Liebknecht, contra os novos creditos de guerra pedidos pelo governo do *Kaiser* e votados ultimamente no *Reichstag*. Nessa declaração, que não poudo ser lida na camara por se ter oposto a isso o presidente, Liebknecht, segundo a tradução do *Combate*, diz o seguinte:

A guerra actual não é uma guerra de defesa para a Alemanha. O seu caracter historico e a successão dos acontecimentos impedem-nos acreditar num Governo capitalista, quando declara que pede os creditos para a defesa da Patria.

Uma paz pronta e que não humilhe nada, uma paz sem conquistas é o que ha que pedir. Todos os esforços em tal sentido se devem acolher com calor. Sómente a affirmacão continua e simultanea desta vontade em todos os países belligerantes, poderá deter a cruenta matança antes do esgotamento absoluto de todos os povos interessados. Só uma paz baseada na solidariedade internacional da classe operaria e sobre a liberdade de todos os povos pode ser uma paz duravel. E neste sentido o proletariado de todos os países deve secundar, ainda no decurso da guerra, um esforço socialista pela paz.

Que pensa disto o mundo operario organizado? Em Paris divide-se o parecer dos militantes. Uns louvam Liebknecht e consideram as suas palavras como um grito de reprovação e esperança, precedendo a hora da reconciliação, se nas massas operarias alemãs encontrar o eco que merece; outros sem perguntarem, — como aliás nós já ouvimos fazer, — se as palavras do deputado alemão seriam as mesmas, dado que a sorte das armas tivesse sido outra e a situação da Alemanha e particularmente do seu exercito fosse melhor do que é, affirmam: que os socialistas e sindicalistas alemães se colocaram na necessidade de dar provas da sua sinceridade; que esta prova só a darão, não pedindo a paz, mas encetando um movimento de agitação contra o imperialismo; que a palavra «internacional», nas circunstancias actuaes, são como uma extranha ironia; e que não haverá Internacional enquanto o proletariado alemão não estiver pronto a entrar nela com sentimentos igualitarios.

Se cada um, esquecendo-se de si proprio, trabalhasse para os outros, deles receberia muito mais do que dava e não se poderia imaginar sociedade melhor.

*
Pueris e malfazejos, os homens parecem tomar gosto em se aborrecerem, uns e outros, da humanidade.

A minha carteira

Uma chaga

O alcoolismo é ainda, infelizmente, uma das chagas mais perniciosas da classe operaria, o que não quer dizer que lhe seja propria e exclusiva. Constitue um perigo que é preciso combater. Determinando lesões graves do estomago, pulmões e fígado, perturbações nervosas intensas, e até alterações cerebrais, não só debilita os organismos tornando-os aptos para cairem aos primeiros embates das diversas infecções, mas ainda produz consequências sociais: na familia, pela desventura dos filhos que os alcoolicos lançam ao mundo com a sobrecarga morbida da sua intoxicação; na colectividade, pelo mal que os mesmos alcoolicos lhe inoculam, entregando-lhe essas crianças taradas.

A luta contra semelhante chaga é antiquissima, por ventura contemporanea dos primeiros observadores da embriaguez. Em todo o caso é ao medico sueco, Magnus Huss, em meados do seculo XIX que cabe a gloria de o estudar nos seus verdadeiros termos, no terreno social. O alcoolismo é, de facto, inseparavel do pauperismo. Entre as causas principais que impelem os homens para o alcool, convem citar: a insuficiencia da alimentação, o meio social e a insalubridade da habitação. O problema do alcoolismo, pois, não pode ser separado das outras questões sociais.

Presentemente reclamam-se medidas do alto contra o uso do absinto em Paris e em Lourenço Marques. A proposito da campanha na primeira destas cidades, com razão escreve Louis Grandidier: — «A luta contra o alcoolismo não é uma questão de decretos, de ordenanças, nem de leis. Ha a fazer sobre esse ponto uma completa educação nas massas populares. E essa educação não se decretará, nem poderá codificar-se. Deve ser feita livremente, voluntariamente. E as organizações operarias têm todas as qualidades para se encarregarem dela».

A gorgeta

Esta velha costumeira, imoral, viciosa e humilhante, por qualquer aspecto que a encaremos, não constituirá uma questão de interesse geral? Creio que sim. Lá fora existem sociedades de propaganda contra as gorgetas e a acção destas colectividades, auxiliada pela imprensa, alguns resultados tem conseguido. Em Madrid e em algumas outras capitais, por exemplo, abundam as barbearias que ostentam o letrado: — Não se aceitam gorgetas. E nos Estados Unidos, ha coisa de seis meses, a Assembleia legislativa do Estado da California promulgou uma lei suprimindo as gorgetas ou propinas. Pode sustentar-se que semelhante lei é, como a maior parte das suas irmãs, violenta e despotica; mas não de convir em que, como alguém já disse, mais equidade haveria para todos, se as gratificações fossem abolidas e os salarios sujeitos a uma revisão em harmonia com a justiça.

A mica

Este mineral é conhecido ha muitos seculos, não sendo mais que um silicato de alumina e de potassa, de cor escura, verde, preta, branca como a prata ou amarela como o ouro, segundo os sais metalicos que lhe estão incorporados, e que é principalmente caracterizado pela propriedade, que lhe é particular, de se dividir em laminas delgadas, elasticas e transparentes.

Ha poucos anos ainda, quasi ninguém se ocupava da mica, pela simples razão de não ser conhecida a applicação que se lhe podia dar, e não ser como substituta do vidro, e isso mesmo com desvantagem. Porém, a electricidade, que de um modo extraordinario se desenvolveu nestes ultimos trinta anos, veio mostrar que as propriedades isoladoras da mica não tem rival, nem hoje são substituidas por nenhum outro produto.

Actualmente, muitos milhares de pessoas se ocupam da manipulação da mica, em todo o mundo. Só o Canada — dizia ha tempos um jornal — exporta anualmente meio milhão de kilos.

Leitores

Colhido em um velho jornal:

«Ha quatro especies de leitores: — A primeira parece-se com uma ampolheta; a sua leitura é a areia que corre sem deixar vestigios; — A segunda parece-se com uma esponja que de tudo se embebe e que tudo torna a restituir quasi no mesmo estado, só com a diferença de ser mais sujo; — A terceira é como um filtrador, que deixa passar o que é bom e puro, e conserva só a espuma e as fezes: — A quarta é semelhante ao escravo que trabalha nas minas de Golconda; deita fora o que não tem valor, e não guarda senão os diamantes.»

Um magico.

NOTAS LIGEIRAS

Aceitar a guerra defensiva o mesmo é que aceitar toda a guerra, porque é sempre facil aos governantes de um estado distribuir ao outro o papel de agressor, dizem. Nem sempre. A Belgica entrou na guerra actual, sem nenhuma dúvida, para se defender dos que abriram passagem pelo seu territorio para invadirem um estado vizinho.

O exercito regular que marcha contra o imperialismo, é um instrumento, mais ou menos perfeito, de um combate agradável... aos inimigos do mesmo imperialismo. Por isso estes praticarão, quando menos, nma loucura, se concorrerem para se inutilisar esse instrumento.

Esmagar a França! Esmagar a Alemanha! São expressões que surpreendem na boca de libertarios. O que eles devem desejar não é que um povo desapareça sob a pata de outro, é que ne nhum impeça a vida pacifica dos outros.

Que não; que não é uma guerra entre a reacção e a liberdade. Não será. Mas como se explica então que em todos os paises neutrais ou assim intitulados, os reaccionarios e conservadores sejam pela Alemanha e os liberais e democratas sejam pelos aliados?

Qualquer.

OPINIÕES FIRMES

No jornal reaccionario *Echo de Paris* de 19 de julho, em seguida á morte do arquiduque herdeiro da Austria, liam-se estas palavras:

«Não sei se alguma vez, alma humana, cristã e real, vibrou mais nobremente, sob os golpes repetidos da desgraça. Sente-se que, penetrando nesta alma, até ás suas maiores profundidades, a dôr não pode encontrar camada alguma, onde a harmonia entre o homem, o cristão, o imperador e o rei, não seja completa».

Era isto, entre outras coisas semelhantes, escrito por um sr. Junius, a proposito do imperador Francisco José.

Rebenta a guerra, e o mesmo sr. Junius, no mesmo *Echo de Paris*, escreve o seguinte, do mesmo imperador, entre outras coisas da mesma especie:

«Mau esposo, emporalhou o proprio lar e deixou andar errante, pela Europa, inconsolavel, a imperatriz Izabel, essa nobre dama que devia morrer ás mãos do assassino Lucheni.

Mau pae, impeliu para o de boche e depois para o suicidio o seu unico filho, o arquiduque Rodolfo.

Mau soldado, não arriscou a pele em nenhuma das guerras a que arrastou o seu povo. Esperava tremendo, atraz das paredes de Burg, a noticia sempre renovada, das suas derrotas».

A imprensa burgueza, bem pensante, patriotica e cristã... é isto!

A boa propaganda

Na revista holandesa *Vry en Vroon*, a menina J. Mosel, publica a seguinte narrativa:

«Dirigia-me de Edimburgo para Londres. No compartimento ia uma pequenita de dez annos com a governanta e um rapaz silencioso. A creança cantava o *God Save de King* e balbuciava injurias contra os alemães, repetindo é claro, apenas o que ouvia nos ultimos dias por toda a parte.

Então, em voz baixa, fallei-lhe da pequena Hollanda neutral, da minha compaixão pelos belgas e por todos que sofrem, o meu horror pela guerra e o desejo de que todas as creanças, depois de crescidas, servissem a causa da paz. A governanta dormia...

Chegados a Londres, o rapaz que durante o trajecto não proferira uma palavra, olhou para mim e eu vi-lhe os olhos marejados de lagrimas.

«Sou alemão, disse-me, e vou para a guerra. Mas odeio-a tanto como vós e sei que milhares dos meus compatriotas a detestam tambem. Abençoadas palavras as que disse áquella creança!»

Expediente

As pessoas a quem enviamos este numero e não queiram assinar o **Germinal**, farão o favor de devolvê-lo, para o que basta lançá-lo na caixa do correio, escrevendo na respectiva cinta: **Devolvido á administração.**

O *Germinal* é enviado a todos os nossos amigos e camaradas que pagaram os suas quotas para a publicação do diario; aqueles que não queiram assina-lo e desejem levantar as quantias entregues, farão o favor de devolver os exemplares recebidos e dirigirem-se á nossa séde para receberem as respectivas importancias.

Em proveito do "Germinal"

Encontram-se á venda na nossa administração as seguintes publicações:

A Anarquia, por E. Malatesta (2. ^a edição) ..	5 cent.
Le Salariat, por P. Kropotkine	2 "
Organisation, Initiative, Cohésion, por J. Grave	2 "
Le Parlamentarisme contre l'action directe, por A. Girard e M. Pierrot	2 "

Biblioteca d'«A Sementeira»

A social democracia na Alemanha, G. Laudauer ..	2 ct.
O governo revolucionario, P. Kropotkine ..	2 »
A Confederação do Trabalho, P. Delessalle ..	2 »
Aos camponeses, R. Mella ..	2 »
Os bastidores das guerras, P. Kropotkine ..	2 »
Teatro livre e arte social, E. Silva ..	2 »
A Guerra, os financeiros e a politica, Delaizi ..	5 »
O dia de oito horas, C. G. do Trabalho ..	2 »
Semeando para colher, C. Dias ..	2 »
O rei e o anarquista, Libertas ..	3 »
Catecismo ateu, B. Betencourt ..	3 »
Programa socialista anarquista, E. Malatesta ..	3 »
Fado livre racional, Sezuirosa ..	5 »
Coeducación, L. D'Ore ..	4 »
Um seculo de expectativa, P. Kropotkine ..	5 »
O espirito revolucionario, P. Kropotkine ..	5 »
A Anarquia, E. Malatesta ..	5 »
A's mulheres, J. Prat ..	5 »
A Canalha, Um de nós ..	15 »
Em ruínas (teatro), E. Silva ..	15 »
Evolução e Revolução, E. Reclus ..	40 »
Almanaque d'«A Aurora», para 1913 ..	5 »

Abatimentos aos revendedores e grupos de propaganda. Pedidos pelo correio não tem aumento de preço, mas só se satisfazem quando acompanhados das respectivas importancias e feitos á

Sementeira

Cais do Sodré, 88 — Lisboa-Portugal